



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Testemunho

Margarida de Paiva e Pona Corrêa de Lacerda

Como Citar | How to Cite

Lacerda, Margarida de Paiva e Pona Corrêa de. 2002. «Testemunho». *Anais de História de Além-Mar* III: 499-500. <https://doi.org/10.57759/aham2002.47001>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

TESTEMUNHO

Luís Filipe Ferreira Reis Thomaz, o jovem recém-chegado à Universidade já munido dos livros de Vasconcellos-Abreu, «Gramática Sâoscrita» e «Manual para o Estudo do Samscrito Clássico», procurou-me no Instituto de Línguas Africanas e Orientais, no então Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, no Príncipe Real, em seguida I.S.C.S.P.U., e perguntou-me se os livros eram bons. Respondi-lhe que sim, mas não os aconselhava a principiantes por a transliteração ser anterior à Convenção dos Orientalistas, o que podia fazer confusão.

Como o horário das aulas não se harmonizava com o da Faculdade de Letras voltou no ano seguinte já bastante adiantado e lendo os caracteres devanagáricos com desembaraço. Logo no primeiro exame final do ano surpreendeu o júri, presidido pelo Sub-Director, o Prof Silva Rego, com a sua invulgar erudição em estudante tão moço. Aí continuou o estudo de sâoscrito e indianismo por 3 anos tendo obtido alta classificação, 18 valores.

Por esse tempo não perdeu a oportunidade de aí frequentar a cadeira de amárico ministrada, pelo Prof. Guirmá Beshá, tendo eu presidido ao júri do exame. Ao mesmo tempo deslocava-se todas as semanas a Coimbra de «moto» onde frequentava as cadeiras da Licenciatura em latim e grego, a qual se a não terminou, pouco faltou.

Aquando da sua ida para Paris, onde ia especializar-se sob a direcção da grande historiadora M.me Bouchon, eu disse-lhe: «Vai para Paris? Não se esqueça do sâoscrito. Tem lá oportunidades que aqui não tem.» Pois voltou no fim do ano lectivo já licenciado, tendo-lhe sido dada a equivalência a 2 anos do curso e seguiu-se o Mestrado.

Na Índia, de cuja história e civilização é profundo conhecedor, é um óptimo cicerone e das várias vezes que a visitámos por ocasião de congressos ele organizou itinerários de grande interesse.

Além da sua carreira brilhante de historiador e orientalista dedicou-se também à arqueologia, tendo feito trabalho em Itália, em Lisboa e mais tarde em Odrinhas e Idanha, com o Prof. Doutor Fernando de Almeida.

Poliglota, fala além das mais comuns línguas europeias, o grego moderno, e das línguas vivas do Oriente o tetum e o malaio conhecendo muitas outras, o que se toma evidente nas suas publicações, tais como as que se referem à Índia como a Timor.

A botânica também não lhe escapou. Tal um Garcia de Orta do século XXI, classifica todas as plantas que lhe saem ao caminho. A música gregoriana tem tido nele assíduo cultor, e como por vezes a sua pena tenha produzido finos desenhos a «nankim», poder-se-á dizer, como alguém disse de Garcia de Resende, que: «... tange e canta muito bem e debuxará alguém se com isto não se ofende.»

A sua cultura invulgar, à maneira de um Renascentista, aliada àquela modéstia que todos lhe conhecemos, apanágio só daqueles possuidores de grande valor, fazem dele uma personalidade única.

É com admiração e amizade que o saúda, desejando a continuação da sua tão brilhante carreira a velha professora.

MARGARIDA DE PAIVA E PONA CORRÊA DE LACERDA